

História do CTAE segundo o professor Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves (depoimento no dia 15 de setembro de 2004)

O CTAE está relacionado à estratégia do professor Zeferino Vaz de inserir a Unicamp dentro de um determinado contexto social da cidade, possibilitando que a universidade se tornasse útil para a comunidade local. Ao mesmo tempo, estando inserido dentro de um departamento de economia, composto por economistas vistos na época como comunistas, possibilitava um importante contraponto à atuação crítica do DEPE. Simultaneamente provia ao DEPE de recursos.

O CTAE era dirigido pelo professor Osmar de Oliveira Marchese, pessoa extremamente habilidosa, que cuidava da inserção social, política e econômica do centro e que se reportava diretamente ao professor Zeferino Vaz.

Uma série de eventos levou a partir do início dos anos 80 a uma crise do CTAE. Há um conjunto de fatores que afetaram a inserção do CTAE na Unicamp. A mudança da estrutura institucional da universidade, a inserção complicada do DEPE dentro do IFCH, a mudança da chefia do CTAE (com a saída de Osmar e a posse de Éolo Marques Pagnani), a estrutura do centro, moldada a personalidade de Osmar, começou a entrar em crise. Havia necessidade de conseguir outras alternativas para o CTAE dentro de uma nova perspectiva. Esta situação misturou-se com a crise institucional (a intervenção do Maluf). A crise dentro do IFCH se manifestou com o DEPE tomando partido de forma isolada, chamando Lessa, para resolver a crise.

Gonçalves assumiu a vice-chefia para buscar novos caminhos, o que significava passar o corpo técnico por uma reciclagem e por discussões para homogeneizar a formação acadêmica. Na época os professores do DEPE tinham a mesma formação acadêmica (cursos da CEPAL feitos em 1966). Buscava-se também diminuir os embates entre Éolo e os professores. Gonçalves entrava no meio para compatibilizar, aprofundar a formação e contribuir com a busca de novos caminhos. Algumas coisas foram conseguidas 1) trabalho acadêmico conjunto e 2) continuidade do CTAE dentro de uma seqüência de crises.

Ao término da crise decorrente da intervenção de Maluf, continuou a crise do IFCH, pois o DEPE tinha tomado uma posição contrária ao do instituto. O poder do DEPE (iniciado com Zeferino Vaz) sempre tinha gerado problemas dentro do IFCH. Ao mesmo tempo o DEPE entrou em crise política e de inserção institucional. Crise política com professores jovens que queriam democracia e crise de inserção institucional entre os mais velhos que não tinham consenso sobre a conveniência de se separarem do IFCH. O CTAE flutuava por cima desses problemas.

O CTAE resistiu a essa crise porque era menosprezado pelos docentes. O fato de ter ficado na margem da crise, com o CTAE não se posicionando como órgão (e sim unicamente por meio de algumas pessoas), aliado ao sentimento de menosprezo e preconceito, possibilitou sua sobrevivência até a criação do IE.

A visão da montagem do IE era a de não usar a estrutura departamental. Era necessário arrumar um lugar para o debate sem que fosse possível usá-lo para brigas políticas. A solução foi montar centros. O coordenador de um centro

tem um poder sensivelmente inferior ao de um diretor de departamento. Como não foi possível fazer um único departamento o IE foi constituído com dois departamentos.

Dentro desse contexto o CTAE ia ser dissolvido. Foi difícil a decisão de fazer a transição dos técnicos - docentes para professores. O preconceito atrapalhava a decisão. Foi uma discussão razoável, mas a corrente que achava que essa transição devia ser realizada levou a melhor na discussão. O pessoal do CTAE foi dividido, tal como todos os outros docentes do antigo DEPE, entre os dois departamentos. Mas ficaram com uma marca comum: passaram a ser conhecido como o “pessoal de empresa”. Gonçalves, que era na época diretor associado do IE contribuiu com a transição.

As atividades de pesquisa do CTAE, em especial os cadastros foram fundamentais para o conhecimento da estrutura industrial da região. As pessoas no DEPE não tinham a mínima idéia do que se fazia dentro do CTAE e de sua importância. A razão disto é que as pessoas do CTAE “não eram consideradas de esquerda e supõem que não tinham lido Marx e que não tinham escutado Bach”.

No início do IE ficou uma certa geléia. Ao pessoal de empresa foram destinadas as disciplinas de economia de empresas oferecidas para outros cursos da universidade e as disciplinas de empresas (contabilidade, administração).

Com o retorno das atividades de extensão, no início dos anos 90, surgiu a oportunidade de nuclear novamente o docente do antigo CTAE. Porém perdeu-se a antiga organicidade, não há mais discussões conjuntas, não se trabalha em conjunto. As pessoas não têm idéia do que as outras fazem. Mais isto é um problema geral do IE.

Fica a dúvida: como vai se repor o conhecimento acumulado pelas atividades dentro do CTAE e no IE?